



## EDITORIAL

### O BRASIL NA PANDEMIA: O ANTES, O AGORA E O DEPOIS

Wagner Vinhas<sup>1</sup>

É com satisfação que entregamos o segundo volume da Revista Acadêmica em Humanidades (Artífices), periódico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). A Revista Artífices constitui-se um instrumento de publicação em Humanidades, cujo foco articula as temáticas da educação, do trabalho, da tecnologia, da ciência e da cultura. O periódico interdisciplinar acolhe resultados de pesquisas e de estudos que tanto podem se apresentar como trabalhos em andamento ou resultados consolidados. A Revista Artífices é uma iniciativa do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades (NEPEH-IFBA). O presente volume volta-se ao público, em especial – a comunidade IFBA, a Rede Federal de ensino, os pesquisadores de outras instituições, bem como os demais interessados, seduzidos por abordagens interdisciplinares dos problemas que afetam a sociedade baiana e brasileira.

Neste segundo volume da Revista, além dos textos selecionados pela chamada pública de submissão para o dossiê temático, “O Brasil na pandemia: o antes, o agora e o depois”, reúnem-se publicações oriundas do edital de fluxo contínuo. Os artigos oriundos de ambos os processos seletivos estão sintonizados com as temáticas da educação, do trabalho, da tecnologia, da ciência e da cultura. Para compor o Dossiê solicitamos reflexões acerca do impacto da pandemia no Brasil, levando em consideração os desafios históricos, econômicos, sociais, culturais, políticos, assim como os desafios decorrentes das recentes conjunturas. Em um cenário de crise sanitária, econômica, política, acolhemos artigos elaborados em tom crítico sobre o momento atual, trazendo luz, por sua vez, às questões ainda pouco elucidadas até o presente momento. O segundo volume da Revista Artífices contém trabalhos de pesquisadores que assumiram o desafio de interpretar as crises em curso, em particular

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) e editor-chefe da Revista Acadêmica em Humanidades, Artífices.



relacionadas a educação, trabalho, tecnologia, ciência e cultura. Por isso, o conjunto expressa uma diversidade de abordagens: discute desde o ensino remoto na pandemia, passa pelo trabalho daqueles que estão na linha de frente no enfrentamento da Covid-19, chegando às discussões que envolvem os eixos temáticos da Revista.

Ultrapassamos a marca de 600 mil vidas perdidas para a Covid-19, no Brasil.<sup>2</sup> Para cada vítima do vírus Sars-Cov-2, estima-se que 30 pessoas foram afetadas direta ou indiretamente, seja com a perda de um parente, amigo, colega ou vizinho. Isso demonstra que a pandemia atingiu mais indivíduos do que os milhares de casos confirmados da doença.

Diferente do discurso disseminado no início da pandemia, a crise sanitária atingiu de forma discrepante a população brasileira e acentuou as desigualdades no país. No último ano, as taxas de desemprego chegaram à marca recorde de 14,4%. Isso significa, por sua vez, uma queda brutal na taxa de ocupação: atualmente a taxa de desocupação atinge mais de 50% da população brasileira. É importante considerar que esse percentual foi impulsionado pela diminuição nas taxas da informalidade, porém, não ocasionada pela absorção da mão de obra excedente pelo trabalho formal, mas, sim, pela queda no número de trabalhos informais.<sup>3</sup>

Portanto, quanto menor a escolaridade maior a desocupação, impactando, principalmente, entre os jovens, por serem aqueles, na maioria, que ainda não concluíram a formação educacional. Com isso, podemos dizer que os mais afetados com a perda da ocupação, durante a pandemia, são: as mulheres, os negros, os jovens e pessoas com baixa escolaridade.

As mulheres somam 18% dos desocupados durante a pandemia. As que permanecem ocupadas continuam cumprindo a dupla jornada das atividades domésticas. As disparidades entre brancos e não brancos são acentuadas, quase sempre, pelo tipo de ocupação precarizado a que a população não branca está sujeita.

---

<sup>2</sup> Em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, é confirmado o primeiro caso da COVID-19 no país. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, declara emergência em saúde pública em decorrência da doença causada pelo novo coronavírus.

<sup>3</sup> Ver IPEA. Políticas Sociais - acompanhamento e análise, nº 28, 2021.



Os homens e mulheres negras somam 64% dos desocupados e 66% dos subutilizados no mercado de trabalho neste mesmo período.<sup>4</sup> A população negra é a maior parte dos trabalhadores que não tiveram as condições de trabalhar em casa. Dessa forma, essa população foi praticamente obrigada a fazer uso dos transportes públicos, quase sempre, lotados, trabalhando sem a garantia dos EPI's adequados e, privados, muitas vezes, do saneamento básico e da assistência médica.

Mulheres, crianças e adolescentes participam das estatísticas dos grupos mais vulneráveis à violência em áreas urbanas. Mesmo apresentando uma redução nos registros de agressões, o número de homicídios femininos, por exemplo, sugere um crescimento expressivo da violência doméstica contra elas na pandemia.<sup>5</sup>

Durante a pandemia, temos presenciado a continuidade, o aprofundamento e a ampliação da violência contra os povos indígenas. Em 2020, foram registrados 263 casos de invasão de terras indígenas, um número maior do que foi computado em 2019, 256 casos, bem como em relação a 2018, 109 casos.<sup>6</sup>

No campo, a realidade se repete e os conflitos tomaram conta das áreas ocupadas por populações rurais. Em 2020, houve um aumento de 25% em relação ao ano anterior

---

<sup>4</sup> Ver Godin at all. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural, Cadernos de Saúde Pública, 36, nº.9, Fio Cruz: Rio de Janeiro, setembro 2020. <https://portal.fiocruz.br/documento/ensaio-desigualdades-raciais-e-morte-como-horizonte-consideracoes-sobre-covid-19-e-o>

<sup>5</sup> Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os registros de agressões em decorrência de violência doméstica caíram 49,1% no Pará na comparação de março de 2020 com março de 2019; no Ceará a queda foi de 29,1%, no Acre de 28,6%, em São Paulo de 8,9% e no Rio Grande do Sul de 9,4%. No Rio Grande do Norte houve crescimento de 34,1% nos registros de violência doméstica nas delegacias. Conforme ainda o relatório, os registros de violência sexual apresentaram redução na maioria dos Estados observados. No Ceará a redução foi de 25% na comparação de março de 2020 com o mesmo mês de 2019; no Mato Grosso a queda foi de 25,6% nas ocorrências de estupro, e no Rio Grande do Sul de 22,9%. Apenas no Rio Grande do Norte observou-se crescimento nos registros de violência sexual, que dobraram no período. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>

<sup>6</sup> Conforme o Relatório, “Violência contra os povos indígenas: dados 2020”, produzido pelo CMI, as invasões seguem um padrão identificado: os invasores, em sua grande maioria, são madeireiros, garimpeiros, caçadores e pescadores ilegais, fazendeiros e grileiros, sendo o objetivo das invasões de terras indígenas a apropriação ilegal de recursos naturais - madeira, devastação de rios na busca incessante por ouro e outros minérios, desmatamento e queimadas para a abertura de pastagens para o gado. <https://cimi.org.br/2021/10/relatorioviolencia2020/>



e 57,6% em comparação com 2018, sendo registrado, no último ano, 1.576 ocorrências de conflitos por terra.<sup>7</sup>

Em relação à doença, a população negra tem altas taxas de óbitos sem internação, portanto, os negros estão abaixo do percentual de brancos internados, bem como do número de altas registradas ao longo da pandemia, o que sugere, por sua vez, um número maior de óbitos dessa população. Nos territórios quilombolas foram confirmados 4.646 casos da Covid-19, sendo computados 169 óbitos.<sup>8</sup> Os dados também indicam que mais de 43 mil indígenas foram contaminados pela Covid-19, e as mortes chegam a 900 por complicações da doença no ano de 2020.

Na economia, o impacto também foi heterogêneo, afetando, principalmente, o setor de restaurantes, hotelaria, eventos, com destaque aos trabalhadores domésticos, em sua maioria, mulheres, que foram amplamente dispensados nos primeiros meses da pandemia. O PIB brasileiro caiu 4,1% em 2020, agravado, em 2021, pelo acumulado da inflação, 10% nos últimos 12 meses. O cenário de crise econômica impacta negativamente sobre o consumo das famílias: em 2020, recuou 5,5%, impulsionado, principalmente, pelo retrocesso de 26,2% no rendimento familiar. A pobreza afeta mais 16,1% da população brasileira no primeiro trimestre de 2021: 34,3 milhões de pessoas, o que representa cerca de 25 milhões de novos pobres comparado com o ano anterior. Em 2020, mais de 5 mil indústrias encerraram as suas atividades no Brasil e setores como automobilístico, eletrodomésticos e farmacêuticos foram os mais afetados.<sup>9</sup>

No contexto de pandemia, algumas profissões, além de sofrerem com a crise econômica, foram igualmente impactadas pelo risco de contaminação, pelo agravamento de enfermidades, pelo aumento da jornada de trabalho, pela queda de rendimentos e pela exaustão. Esse quadro de incertezas e ameaças afetou a vida profissional dessas categorias com consequências físicas, emocionais e psíquicas. São

---

<sup>7</sup> Ver “Conflitos no campo Brasil: 2020”, produzido pela Comissão Pastoral da Terra. <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/5664-conflitos-no-campo-brasil-2020>

<sup>8</sup> De acordo com o Relatório, “Conflitos no campo Brasil: 2020”, produzido pela Comissão Pastoral da Terra, até abril de 2021, foram confirmados 5.329 casos e 270 óbitos, em terras quilombolas. Conflitos no campo Brasil: 2020. <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/5664-conflitos-no-campo-brasil-2020>

<sup>9</sup> Ver Desigualdade de impactos trabalhistas na pandemia (Marcelo Neri), Rio de Janeiro, 2021. <https://cps.fgv.br/DesigualdadePandemia>



trabalhadores que enfrentam o medo da contaminação e da morte iminente, o risco constante da perda dos direitos trabalhistas ou da renda. Em geral, esses trabalhadores já sofrem com baixa remuneração, que não possibilita gastos necessários com EPIs e transporte alternativo como via para reduzir os riscos no deslocamento, sobretudo nos centros urbanos. Esses fatores foram a causa de distúrbios que afetaram milhões de brasileiros, particularmente em algumas profissões: médicos, enfermeiros, cuidadores, entregadores de aplicativos, trabalhadores de supermercados, motoristas, professores.

Em relação à jornada de trabalho, 56,7% dos entregadores de aplicativos, os motoboys, ultrapassaram oito horas diárias de trabalho e 78,1% excederam quarenta horas semanais<sup>10</sup>. Os dados revelam que 95% dos trabalhadores de saúde foram impactados com a pandemia, sendo que 50% ultrapassam as horas semanais de trabalho e 45% com mais de um emprego.<sup>11</sup> Em relação à docência, 81,5% dos professores revelaram que o trabalho aumentou com as atividades remotas, principalmente com a preparação das aulas com base nas novas tecnologias, abruptamente inseridas no contexto escolar dos profissionais de educação.<sup>12</sup>

Os desafios impostos pela pandemia exigiram adaptações por parte das instituições de ensino, professores, estudantes e técnicos, em geral, não preparados para adotar, imediatamente, metodologias e plataformas digitais de ensino remoto, antes familiarizadas mais especificamente na Educação à Distância (EaD). Assim como na EaD, o ensino remoto requer um corpo docente e discente treinado no ensino em plataformas digitais, bem como na utilização do material didático, especialmente adaptado para os ambientes virtuais.

Os problemas ocasionados com o fechamento das instituições de ensino, visando evitar os riscos de contaminação, revelaram as diferenças entre o público envolvido,

---

<sup>10</sup> Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a Covid-19. Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano, Campinas, EDIÇÃO ESPECIAL – DOSSIÊ, COVID-19, p. 1-21, 2020. <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/06/74-Texto-do-artigo-568-2-10-20200608.pdf>

<sup>11</sup> Ver matéria “Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde” (Felipe Leonel). Ensp/Fiocruz. <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>

<sup>12</sup> Ver “Trabalho docente em tempos de pandemia: relatório técnico”. [https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte\\_relatorio\\_da\\_pesquisa\\_covid\\_gestrado\\_julho2020.pdf](https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_julho2020.pdf)



seja professor, estudante ou técnico, ao lidar ostensivamente com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Outro grave problema registrado foi, sem dúvida, a desigualdade que afeta os estudantes (3,2 milhões de pessoas) e professores brasileiros: ambientes não adaptados às atividades escolares, falta de equipamentos de telefonia móvel ou computacionais, falta de acesso ou acesso não adequado à internet móvel ou banda larga.

Abrindo as discussões, temos o artigo “Recursos utilizados por profissionais da saúde do município de Arroio do Meio-RS no período de pandemia”, produzido por Kelen Moratelli e Suzana Feldens Schwertner, no qual buscam identificar os recursos utilizados por profissionais da saúde para manterem-se saudáveis em um período envolto de incertezas. O que o trabalho delas revela é que tais profissionais vêm utilizando uma rede de solidariedade composta por colegas de trabalho, familiares e amigos, mas, principalmente, fazem uso dos recursos próprios para tentarem garantir um quadro mais seguro diante da sobrecarga de trabalho dos últimos anos com a pandemia.

Ampliando o foco do debate, a entrevista com o professor da UnB, Luiz Felipe Miguel, traz uma avaliação do desempenho do governo federal no combate do SARS-CoV-2, bem como do cenário das condições sociais no Brasil para o enfrentamento da pandemia. No esforço em apontar perspectivas para o cenário pós-pandemia, o entrevistado defende a necessidade de olharmos com maior acuidade as questões ecológicas e o mundo do trabalho. Finalmente, para combatermos as ameaças ao nosso processo civilizacional, torna-se imprescindível defendermos a Constituição brasileira, somando forças para enfrentar a crise social, a crise econômica, a crise ambiental e a crise política, bem como as frequentes tentativas de desmonte do Estado, de retirada dos direitos e do aumento da exploração que assevera o nosso quadro de dependência e violência.

Para a professora da UNIVALE, Eunice Maria Nazareth Nonato, entrevistada para esse volume, a pandemia ressaltou a necessidade de investimentos em pesquisa e educação no país, o que poderia resultar, sem os cortes realizados nos últimos anos, em contribuições ainda mais relevantes por parte destas instituições. O resultado da falta de



políticas mais adequadas nesses campos não poderia ser outro: o agravamento da necropolítica que, na sua opinião, é parte da constituição da cultura do país e está presente em muitos momentos da história brasileira. Para a pesquisadora, o Brasil precisa retomar com brevidade o crescimento econômico e a distribuição de renda eficiente, com destaque ao fortalecimento das instituições científicas e de ensino, bem como a valorização dos aprendizados coletivos.

É nesse sentido que o pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA), Tadeu João Ribeiro Baptista, faz um balanço do seu trabalho intelectual em meio a um conjunto de produções envolvendo a relação entre corpo, trabalho e Educação Física. A singularidade da sua produção, em suas palavras, consiste em compreender a corporalidade humana expressa no trabalho, ou seja, o corpo no processo de (re)estruturação produtiva. Para o pesquisador, o debate está sendo ampliado com a produção de uma série de autores que procuram pensar e debater o corpo na direção da autonomia e da emancipação humana.

Seguindo essa linha de pensamento, Deivid Nascimento de Carvalho, no artigo “O corpo elétrico e ciborgues no ciberespaço: comunicação contra-hegemônica, tecnologia e cultura das mídias transmasculinas”, discute as identidades transgêneras que se identificam no espectro masculino, ou seja, nasceram com a imposição social do gênero feminino, mas, por sua vez, se reconhecem enquanto masculinos. As análises focam a construção das trajetórias de vida, com ênfase em aspectos que perpassam as questões de gênero, classe e raça.

É com foco em “novos” ambientes, incluindo o ciberespaço, que Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto oferece, em seu artigo “O trabalho do professor de geografia na pandemia, no Terceiro Mundo, sob uma visão Miltoniana”, reflexões acerca de contextos cada vez mais impregnados por especializações técnicas, científicas e informacionais. O autor argumenta que alunos, professores e escola compõem um território e, por isso, não podem estar apartados dos processos de transformação dele. E por essa razão defende a ideia de que o ensino realizado em casa, pelos pais, ou pelos professores remotamente, não prosperou com a chegada da pandemia.



Seguindo com a reflexão sobre os processos educacionais, Carolina Orlando Bastos, com os seus orientandos, Deivid de Carvalho Lima Junior e Maria Eduarda Martins de Oliveira Pinheiro, trazem no artigo “A importância do estudo e da educação pública na contemporaneidade: defesa de uma educação mais humana e livre”, considerações sobre a educação freiriana e os processos dialógicos na educação. O texto é fruto do projeto de extensão intitulado com o mesmo nome e cujas bases lançam possibilidades para uma educação pautada, em suas palavras, pela dialética socrática: onde os questionamentos são mais importantes do que respostas prontas e consideradas verdadeiras.

Finalmente, o artigo intitulado “Tomás de Aquino e as razões para se crer na existência de Deus”, produzido por Edmarcius Carvalho Novaes, oferece apontamentos para compreender quem foi Tomás de Aquino na História da Filosofia e, por sua vez, qual a sua contribuição para os estudos filosóficos. O autor defende que a obra do filósofo eclesiástico pode servir de norte para a reflexão pessoal, bem como contribuir para a problemática da existência de Deus através da comprovação racional da existência divina. Para isso, busca-se evidenciar o uso de categorias aristotélicas como forma de fundamentar a existência divina, em especial a partir da natureza, da busca da felicidade humana e de virtudes oriundas de uma fé que seja capaz de dialogar com a razão.